

ENTREVISTA COM O PROFESSOR DOUGLAS ALTAMIRO CONSOLO: ensino de línguas, avaliação e formação de professores

Olandina Della Justina¹
Leandra Ines Seganfredo Santos²
Juliana Freitag Schweikart³



Douglas Altamiro Consolo é professor na UNESP, no campus de São José do Rio Preto (IBILCE). Possui titulação de livre docente em Língua Inglesa (UNESP), de doutor em Linguística Aplicada (*University of Reading*) e de mestre na mesma área (UNICAMP). Realizou três estágios de pós-doutorado (UNICAMP, *University of Melbourne-Austrália* e *Universidad Nacional Autónoma de México*). Possui um número relevante de produções acadêmico-científica com mais de 60 artigos científicos, 6 livros, entre outros trabalhos importantes para a área de Estudos Linguísticos. Sob sua responsabilidade como orientador, tem um número significativo de pesquisas desenvolvidas na graduação e em programas de pós-graduação, incluindo estudos de pós-doutorado. Coordena o Projeto de Pesquisa “Avaliação da proficiência linguístico-comunicativa-pedagógica do professor de línguas: operacionalização de construto no Exame de Proficiência para Professores de Língua Estrangeira (EPPL)”, e o Centro de Línguas e Formação de Professores do IBILCE/UNESP.

O texto aqui apresentado é o resultado de uma conversa agradável e de partilha do conhecimento acadêmico-científico tecido na experiência e ciência do pesquisador que lhe concedem a notoriedade de direito. Foi realizada entre as entrevistadoras e o professor pesquisador no dia 23 de outubro de 2018, e teve como objetivo discutir sobre ensino de língua inglesa (LI), avaliação e formação de professores de línguas. Agradecemos a gentileza característica do Professor Douglas, a disponibilidade em nos conceder a entrevista e oportunizar o fomento de ideias estimulantes para o ensino e aprendizagem de línguas.

¹ Professora na UNEMAT, Campus Universitário de Sinop. Doutora em Estudos Linguísticos (UNESP/IBILCE), Mestre em Estudos da Linguagem (UFMT), Especialista em LI (PUC-MG) e formada em Letras (FAFIPA/PR). E-mail: olandina2008@hotmail.com.

² Professora na UNEMAT, Campus Universitário de Sinop. Doutora em Estudos Linguísticos (UNESP/IBILCE), Mestre em Estudos da Linguagem (UFMT), Coordenadora do PPGLetras/UNEMAT-Sinop. Email: leandraines@unemat.br.

³ Professora na UNEMAT, Campus Universitário de Sinop. Doutora em Estudos Linguísticos (UNESP/IBILCE), Mestre em Linguística Aplicada (UNISINOS), Licenciada em Letras (UNEMAT/Sinop). E-mail: juliana@unemat-net.br.

Justina, Santos e Schweikart: *O cenário social, linguístico e cultural tem mudado significativamente nas últimas décadas. Quais as diferenças são mais significativas em relação ao ensino de língua estrangeira (LE), mais especificamente de língua inglesa (LI), nas eras anterior e posterior à internet?*

Prof. Douglas: A LI tem hoje um lugar muito amplo. É uma língua de comunicação no sentido de uma língua internacional. Esse lugar da LI não se deve somente ao uso na *internet*, foi uma língua que já se expandiu principalmente na fase Pós-Segunda Guerra Mundial, e isso se deve sobretudo às questões econômicas. Devido ao crescimento econômico dos Estados Unidos, e a uma série de transações que passaram a ser feitas na LI entre diversos países, não somente países que falam o inglês como língua principal ou língua majoritária, mas passou a ser uma língua internacional. Com o desenvolvimento da *internet*, eu acredito que o uso da LI passou a ser maior ainda por conta de já possuir esse status de língua internacional e também uma língua ligada muito claramente à tecnologia. Manuais, instruções para construção ou para se operar determinados equipamentos tecnológicos, por exemplo, já vinham sendo publicadas em inglês e dentro da área da informática isso cresceu. A *internet* necessita e propicia o uso da LI, pois as páginas, as informações, muitas vezes aparecem em inglês e também pelo fato de estar renovando a própria língua, quer dizer, o *internetês* passou a ser uma variante linguística que a gente considera. Esse tipo de linguagem hoje existe na *internet*, e algumas abreviações e siglas passaram a ser usadas de forma mais globalizada, de modo mais internacional. Eu acho que a *internet* marca, sem dúvida, um divisor de águas entre uma situação que já era de uso internacional e se ampliou para uma situação de uso da LI maior ainda pelas pessoas no mundo todo. Refiro-me às pessoas que têm acesso à *internet*, pois em alguns países esse acesso ainda é restrito por questões políticas, talvez tecnológicas, de curso. De modo geral a maioria das pessoas hoje no mundo tem acesso à *internet*, usam a *internet* e têm algum contato com LI mesmo que não falem a língua, que não sejam proficientes, mas acessando páginas vai ter várias possibilidades, vão descobrir, localizar expressões que são em LI.

Justina, Santos e Schweikart: *Quais os desafios para o ensino-aprendizagem de LI atualmente que resulte em proficiência?*

Prof. Douglas: Eu acredito que o desafio não é somente uma característica do momento atual, é um desafio que já existe há mais tempo, no sentido de que para aprender uma outra língua o aprendiz precisa de algum tipo de motivação. Essa motivação pode ser

um desejo de usar a língua profissionalmente ou socialmente por alguma razão que precise ou gostaria de fazer contatos com outras pessoas nessa língua, por razões acadêmicas, profissionais. Acredito que o desafio, de modo geral, é encontrarmos as reais necessidades, as reais motivações desse aprendiz que, muitas vezes, mesmo não estejam explícitas naquele momento, devemos ficar atentos para não cairmos naquelas crenças um pouco engessadas: “Ah, então você precisa da língua para entrar na faculdade”, “precisa da língua para fazer uma viagem ao exterior”. Isso vale para algumas pessoas, mas não para todas as pessoas. Então, o desafio é: quem planeja cursos, ministra cursos, define políticas linguísticas, é importante definir quais são os reais objetivos pelos quais os aprendizes podem e querem aprender outra língua e atender essa necessidade da melhor maneira possível, porque hoje temos um conhecimento muito grande na área da Linguística Aplicada sobre teorias de aquisição, metodologias de ensino, abordagens, metodologias de ensino. Esse conhecimento pode embasar determinadas escolhas que nós, planejadores de cursos, nós, autores de livros didáticos, nós professores, podemos fazer para melhor atender essa motivação e essas necessidades do aprendiz. Eu acho que esse é o grande desafio.

Justina, Santos e Schweikart: *Acerca do aprimoramento da proficiência linguística do professor, quais contribuições a adoção de um instrumento avaliativo em escala nacional pode trazer e que desafios se apresentam para a implantação de uma proposta como esta?*

Prof. Douglas: Bem, o projeto de um instrumento nacional de avaliação de proficiência do professor é justamente o projeto principal na minha área de pesquisa que venho defendendo e coordenando há vários anos. Eu acredito que ele carrega no seu escopo determinadas características positivas na avaliação. Uma delas é de nós termos a certeza de qual é esse nível de proficiência, qual é esse domínio linguístico que está na realidade em que nosso professor está operando. Nós temos diversas ideias correntes entre os professores de que a formação linguística é deficiente ou que eles não conseguem falar a língua, por exemplo, ou que eles não conseguem ensinar nessa língua. Acredito que um exame pode nos fornecer dados de quais são essas características do perfil linguístico desses professores, na medida em que eles prestam o exame e nós geramos um banco de dados, de dados reais desses professores. Poderemos dizer: “Bom, nossos professores estão nesse perfil linguístico, esses são os conteúdos que eles conseguem produzir, que eles conseguem usar, os quais eles conseguem

Revista de Letras Norte@mentos

desempenhar na LE e outros conteúdos os quais eles ainda não conseguem, quais são as limitações linguísticas desse profissional”. E, com base nesses dados, usando uma característica da avaliação que é o efeito retroativo, o impacto, nós poderemos dizer: “Bom, agora nós vamos nos voltar para os currículos de formação linguística desses professores e vamos então procurar atender essas necessidades, essas limitações na formação de futuros professores e também na formação continuada desses próprios professores que fizeram o exame. Podemos oferecer-lhes essas informações, um retorno do resultado desse exame e propiciar que voltem a estudar a língua ou continuem a estudá-la e se aprimorem naquilo que ainda não conseguiram até aquele momento no qual eles fizeram o exame. Isso também dá certa respeitabilidade, uma seriedade maior para a nossa profissão, para nós dizermos então o seguinte: “Olha, o profissional de LE, o professor de LE tem uma exigência a cumprir de acordo com decisões que precisam ser tomadas talvez por toda a classe de professores”. Quer dizer, os professores precisam comprar essa ideia, precisam concordar com essa ideia que a médio prazo, a longo prazo, seria bom para nós. Em um primeiro momento pode ser um grande desafio, o professor que não tem um nível de proficiência muito alto perceber que tem que correr atrás dessa proficiência. Então, eu acho que nós não podemos, não devemos permitir que esse exame seja um instrumento contra o professor, nenhum professor vai perder seu emprego, vai deixar de fazer o trabalho que ele vem fazendo por conta de um nível de proficiência atualmente não tão alto, digamos assim, mas que nós possamos sinalizar tanto para esse professor que já está em serviço, quanto para os professores que estão se formando: “Olha, nós temos uma meta que é mais alta do que a realidade atual”. Com relação às características de impactos mais, digamos, negativos da avaliação, teremos pessoas que vão resistir a isso, que vão se sentir ameaçadas de ter o seu nível linguístico investigado, pois uma vez que o professor tenha uma certificação, talvez ele se apoie nisso para dizer: “Bom, então eu sou plenamente capaz de ser professor, porque eu concluí um curso, tenho um diploma, tenho um certificado que diz que sou capaz, que sou licenciado, sou graduado”. Mas, acho que como parte dessa certificação, nós poderíamos oferecer essa verificação linguística que pode ajudar no processo de formação inicial se nossos discentes forem avaliados periodicamente ao longo da sua graduação. Então não é só uma avaliação de final de curso. Se o professor em formação passa um determinado número de anos fazendo uma licenciatura e no final descobre que não tem proficiência, é muito mais problemático do que se ele descobrir que entrou no curso com determinado nível e no meio do curso já atingiu outro nível. Então, os

docentes poderem mapear como está sendo o desenvolvimento desse discente, e se ele não tiver se desenvolvendo de acordo com os padrões a serem definidos, o que os docentes podem fazer da metade do curso até o final, por exemplo. É benéfico para melhorar e garantir uma formação linguística na graduação para auxiliar os professores em exercício. Nós temos então, tudo isso com base em pesquisas, em investigações, em projetos, em desmembramentos desse projeto de exame de uma maneira muito séria, muito cautelosa para não prejudicarmos nenhum profissional que já está na área, mas ao mesmo tempo proporcionarmos um pouco mais de apoio logístico, no sentido de termos um critério para nossa profissão. É um desafio, sem dúvida alguma, isso envolve inclusive a questão financeira para desenvolver o exame, porque um exame é composto de itens que precisam ser produzidos, o exame tem que ser corrigido cada vez que for aplicado, há a divulgação e os resultados. Tudo isso exige uma equipe de trabalho, exige custos que alguém vão precisar de apoio. Se o Ministério da Educação, por exemplo, se os órgãos governamentais brasileiros nos dessem esse apoio, seria muito interessante.

Justina, Santos e Schweikart: *Há um determinado padrão para fazer esse teste ou são diretrizes e apontamentos, por exemplo, que se leve em conta para produzir os testes, de forma mais ampla?*

Prof. Douglas: O domínio linguístico, ou seja, os conteúdos que o professor precisa conhecer e os quais ele precisa conhecer para desempenhar sua ação precisam estar muito claros. Então um mapeamento desse domínio linguístico é importante. O próprio exame pode ajudar a fazê-lo. Na medida em que vamos avaliando professores em formação e professores formados, podemos detectar em que áreas eles conseguem melhor desempenho, que tipos de usos da linguagem eles fazem bem ou fazem mais ou menos ou não fazem. Por meio de alguns critérios um pouco mais idealistas ou mais teóricos, nós dizemos: “Espera-se de um bom professor que ele seja capaz de...” Aquela ideia de o que o falante pode fazer com a língua, ele usa a língua para quê? Determinarmos, no caso do professor, por exemplo, para que use a língua para explicar conteúdo na sua aula, para organizar os seus alunos numa atividade, para corrigir os seus alunos, para gerenciar a disciplina. Quais são as funções linguístico-comunicativas que esse professor precisa conhecer para ter um bom desempenho como professor tanto na habilidade oral quanto em leitura e produção escrita? É nesse sentido que eu digo que o exame nos ajuda a conhecer melhor esse critério e, *a priori*, para que a gente consiga construir as questões das primeiras versões, que na verdade existe já o projeto de exame

Revista de Letras Norte@mentos

EPPLE que já foi pensado com algumas experiências dos desenvolvedores do exame, quais seriam essas funções linguísticas, quais seriam esses itens. Já produzimos algumas versões do exame, mas no caso de um projeto de abrangência nacional, poderíamos ampliar o conhecimento do domínio linguístico e também que de itens a serem usados em um exame dessa natureza. É bom lembrar um aspecto muito importante: que nenhum instrumento de avaliação é suficientemente amplo e suficientemente capaz de mapear ou de detectar tudo aquilo que nós gostaríamos de detectar. Nós estamos fazendo um recorte do desempenho desse candidato, desse professor, no momento em que presta o exame. É evidente que ele precisa conhecer mais do que vai mostrar no exame, aquilo que ele faz nas suas aulas, no dia a dia da sua profissão é muito mais que isso, isso é um recorte. Agora, esse recorte precisa ser bastante representativo dessa realidade do professor.

Justina, Santos e Schweikart: *As tecnologias digitais podem se caracterizar como importantes ferramentas para o ensino-aprendizagem bem como para a formação docente. Tratando-se de processos avaliativos tanto da proficiência de professores de LEs como da aprendizagem dos discentes, como se caracteriza o uso de tais ferramentas?*

Prof. Douglas: Bom, eu acho que eu poderia começar falando da experiência da aprendizagem. Existe uma gama de informações disponíveis na *internet*, por exemplo, artigos ou vídeos de pessoas falando sobre o ensino da LE, vídeos de aula e materiais para ensino disponíveis no modo digital. O aluno, pode ter acesso a esse material e com isso pode fazer ou complementar sua formação linguística na LE. Se for orientado para cumprir determinadas metas, isso pode ajudar. Em uma formação inicial, uma disciplina de LI, por exemplo, pode contemplar o acesso a determinadas páginas e o aluno, no seu tempo de estudos, em seu tempo individual, pode acessar esse material, esse conteúdo e desenvolver uma série de competências e de habilidades nessa língua sob a orientação de um professor, por exemplo. Outra coisa, são os instrumentos que a tecnologia permite para o professor organizar essas classes de um modo virtual, pode ter uma fase virtual, ter um fórum virtual de discussão, ter uma série de instrumentos que permitem que os alunos discutam as coisas, não só o trabalho individual dos alunos e o trabalho de supervisão de um professor para cada aluno, mas um trabalho em grupo. As tecnologias permitem toda essa comunicação virtual, esse debate, um aluno de repente discutindo uma questão com o outro, discutindo pequenos grupos, depois levando isso para os

Revista de Letras Norte@mentos

outros colegas e tudo mais. Sem dúvida, as tecnologias, os recursos tecnológicos podem ajudar muito no processo de aprendizagem, e claro, a maneira pela qual o professor vai conduzir o seu ensino, diferente de uma outra época quando isso era restrito a uma sala de aula e ao contato apenas presencial. A tecnologia, de um modo geral, pode, sem dúvida, contribuir para a avaliação e hoje já temos uma série de testes e alguns exames disponíveis na *Internet*, são feitos online. Ao invés do teste ser feito de um modo escrito, em papel com caneta, por exemplo, pode ser feito no computador e isso tem algumas vantagens, por exemplo, podemos ter um banco de dados para um determinado exame e o próprio exame na medida em que o candidato vai fazendo uma parte do exame o programa pode detectar já que nível provavelmente esse candidato tem, e pode gerar questões que melhor se adequem a ele. Por exemplo, um candidato que começa fazendo um teste num nível mais básico, se o sistema detecta que ele já tem um nível mais avançado, mais intermediário, mais avançado, já pode gerar questões mais complexas para esse candidato fazer e chegar, digamos assim, no teto, em que ponto ele consegue chegar para determinar então o limite inferior e o limite superior à proficiência, quer dizer, esse sistema pode ser programado para fazer isso, ao invés de fazer uma bateria enorme de testes, ele faz um teste muito mais rápido, o próprio sistema vai adaptando, quer dizer, é um teste que vai já se adequando a cada examinando, isso é uma maneira. Se for um teste, por exemplo, de proficiência, isso é muito bom. E outra coisa é que o computador pode corrigir esse teste de maneira muito mais rápida do que o ser humano. Então, se já tivermos bancos de dados, que comparam as respostas que o candidato deu com as respostas padrão, o computador mesmo aponta se está correto, se está parcialmente correto ou se está totalmente completo, e já pode, em questão de segundos dar uma nota para esse candidato, e o banco de dados ser armazenado, ser gerenciado, além dos recursos de multimídia que nós temos dentro da tecnologia, quer dizer, nós podemos incluir em uma prova imagens, sons, vídeos, animações. Então, pode ser um processo mais agradável, mais interessante, mais dinâmico de avaliar, e isso pode ser feito tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral, com os seus desafios e limitações, é claro. Nós temos que ter um sintetizador de voz, um equipamento que possa captar, por exemplo, a fala desse candidato e tenha um programa que avalie exatamente essa fala em determinados aspectos. O que nós ainda não temos é o processo interativo. A máquina ainda não pensa como um falante humano, de modo a interagir literalmente com o candidato, ela pode ter uma série de respostas programadas ou de reações programadas, mas o tipo de

item, o tipo de questão tem que ser pensado de acordo com as disponibilidades da tecnologia. Então para algumas questões ainda precisa um examinador humano, interagindo com o candidato, para outros tipos de questões, a tecnologia já consegue dar conta.

Justina, Santos e Schweikart: *Como ou em que medida as avaliações na proposta do EPPLÉ podem contribuir ou já contribuem para a formação inicial e continuada dos professores de LE?*

Prof. Douglas: Bem, nós temos alguns dados de aplicação em grupos de alunos, de formandos de licenciatura em Letras e esses dados nos permitiram já em algumas pesquisas, principalmente na elaboração de dissertações de mestrado e teses de doutorado, avaliarmos alguns aspectos de domínio linguístico do professor em formação. Temos teses sobre instruções que o professor dá em sala de aula, temos trabalhos, tanto dissertações quanto teses, ou até iniciações científicas sobre o léxico, sobre o vocabulário que o professor em formação faz uso, quando faz o exame e questões da gramática, sobre a complexidade, sobre a estrutura gramatical da linguagem desse professor, foram áreas nas quais nós conseguimos avançar, principalmente. Para quem lê os resultados dessas pesquisas, elas informam o cenário que vem sendo caracterizado no contexto da licenciatura, e isso ajuda o professor a preparar suas aulas, e que tipos de conteúdos vão trazer com relação ao vocabulário e à gramática no seu programa de aulas de língua no curso de graduação. E também no sentido de motivar esse professor a preparar seus alunos para fazer o exame. O discente faz um trabalho com bastante seriedade, sabendo que terá chances no final do semestre, no final do ano letivo, de fazer um exame sobre a proficiência linguística do professor de LE. Então, “vamos fazer uma formação bem cuidadosa, invistam na formação linguística de vocês, porque é bom para a própria formação de vocês e, é claro, vocês poderão verificar isso na formação depois com uma prova que vocês vão prestar em breve”. Isso tem sido uma motivação nos quais nós aplicamos o EPPLÉ.

Justina, Santos e Schweikart: *Em sua trajetória de pesquisador, quais os maiores desafios encontrados no processo de formação do profissional professor de línguas?*

Prof. Douglas: Bem, os desafios são vários e constantes. Um desafio que eu vejo que não é privilégio meu, mas é característica da nossa área hoje das licenciaturas é a motivação do aluno da licenciatura para ser um professor. Eu geralmente converso

sobre isso com os alunos que estão fazendo a graduação e geralmente leciono para os alunos que estão no último ano, que estão próximos da formatura, e percebo, muitas vezes, uma falta de interesse desse aluno em querer ser um professor, ou querer ser um professor da Educação Básica, por exemplo. Esse aluno está fazendo uma licenciatura em Letras, mas, paralelamente, alguns fazem outro curso ou dizem: “Depois da graduação em Letras vou fazer mais um curso, porque aí vou encontrar realmente uma profissão mais rendável, uma profissão mais interessante para mim, ou vou trabalhar na área de secretariado ou vou trabalhar na área diplomática”, ou alguns seguem na formação para a pesquisa. Eles dizem: “Olha, eu vou terminar a licenciatura, mas eu vou continuar, vou fazer um mestrado e um doutorado”. Então o interesse é uma carreira acadêmica de professor, mas de professor universitário, professor que vai ter mais prestígio, que vai ganhar mais futuramente do que um professor do Ensino Básico, por exemplo. Esse é um desafio, de motivar esses alunos a procurar trabalho como professor já logo no final da graduação e alguns reclamam um pouco da formação específica para ser professor, porque às vezes o currículo é fragmentado de certa forma, cada docente está trabalhando dentro do seu conteúdo, mas esses conteúdos aparentemente não conversam de maneira muito clara para o aluno. Então ele diz: “Olha, eu vi aquilo em tal matéria, tive essa, tive aquela, mas eu não me sinto ainda preparado para ser um professor”. Parece que os meus colegas que lecionam essas disciplinas não olham para esses alunos como professores, como futuros professores, eles são simplesmente alunos... e esses conteúdos, de certa maneira estanques, engessados naquele recorte, daquela disciplina, e os alunos muitas vezes não conseguem fazer as pontes para que sintam, para que percebam que estão sendo formados como docentes. Um desafio é ajudar os alunos a enxergarem essas relações do conteúdo do currículo de Letras. Em uma classe, por exemplo, de 15 a 20 alunos, se eu tenho a maioria que consegue acompanhar as aulas, que consegue falar, discutir temas, há 1, 2, 3, alunos que ficam inibidos porque não se sentem proficientes, não são proficientes para o desempenho, então ficam envergonhados de falar na aula, de dar sua opinião, de participar, então é um desafio ainda, de tentar nesse último suspiro, do final da formação de motivá-los, de ajudá-los para que consigam avançar um pouco mais na proficiência e consigam se formar com um nível minimamente necessário para serem professores. Em um caso mais complicado, informar esse aluno que: “Olha, você ainda não está pronto para se formar, você precisa refazer a disciplina”. Só que, um problema muito sério é que, às vezes, refazer o último ano não vai ajudá-lo, ele teria que fazer o

curso inteiro. O problema dele está lá na base, não no último ano. Então, esse é um desafio que a gente encontra que está associado inclusive, à questão da avaliação, quer dizer, nós temos que ter uma avaliação que seja criteriosa suficiente para aprovar os alunos que estejam em condições de serem aprovados, e ao mesmo de mostrar para aqueles que não estão em condições que eles não podem ser aprovados. Um desafio é a gente conseguir separar bem o que precisa ser caracterizado como do exigido do Curso de Letras e o aluno que não atingir esses objetivos, que tenha a chance de se formar antes, então você vai refazer o curso para você poder melhorar no momento certo, porque senão ele chega no final do curso e vem essa crença de que: “ah, não podemos reprová-lo, porque ele é formando”. Podemos é claro, a reprovação existe para todos os níveis, inclusive na pós-graduação. A gente precisa fazer o uso da avaliação de maneira responsável.

Recebido em 24/03/2021.
Aprovado em 15/05/2021.